

**3º WORKSHOP DE INVESTIGAÇÃO. 21 E 2 DE ABRIL 2010**

**«QUANDO FALTAM OS RECURSOS FINANCEIROS. REINVENÇÃO LITERAL DO ‘TEATRO POBRE’: A EXPERIÊNCIA D’ A PESTE – ASSOCIAÇÃO DE PESQUISA TEATRAL»**

**António Branco** (CIAC/ESTC,UAlg)

São sobejamente conhecidas as dificuldades financeiras por que passam os grupos de teatro amador ou os grupos de pesquisa universitária de natureza não-profissional, dada a exiguidade dos apoios existentes. Ao invés de ser bloqueadora da criação e da criatividade, essa circunstância pode ser reconfiguradora da prática teatral, sobretudo quando integrada numa concepção estética, ética e técnica do teatro enraizada na lição de Jerzy Grotowski ou na estética do despojamento de Peter Brook. Nesse âmbito, proporei a análise de um caso de «gestão do (im)possível» numa associação cultural sem fins lucrativos, A Peste – Associação de Pesquisa Teatral (Faro/UAlg), que, num contexto de total ausência de apoios financeiros oficiais, apresentou já duas produções teatrais de grande envergadura: *Páscoa*, de A. Strindberg (2008), e *Fando e Lis*, de Fernando Arrabal (2009). Tentarei demonstrar que, nas produções desse grupo de pesquisa universitária, existe uma íntima relação entre as opções de gestão e a opção ética, estética e técnica teatral.

**DILEMAS ECONÓMICOS E DESAFIOS ORGANIZACIONAIS NAS ARTES PERFORMATIVAS: UMA ANÁLISE EMPÍRICA DAS ESTRUTURAS TEATRAIS APOIADAS NA REGIÃO DE LISBOA E VALE DO TEJO**

**Pedro Costa** (DINÂMIA/CET – Centro de Estudos sobre a Mudança Socioeconómica e o Território . ISCTE- IUL – Instituto Universitário D Lisboa)

**Vera Borges** (ICS/UL – Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa)

As estruturas teatrais enfrentam no seu funcionamento quotidiano um conjunto de questões e de problemas económicos específicos, os quais têm sido profusamente estudados e discutidos no campo da economia da cultura. Contudo, uma ampla panóplia de especificidades, em termos económicos, culturais, institucionais e sociais, condiciona fortemente esta actividade, em múltiplas dimensões. Este artigo pretende identificar empiricamente e tipificar os diversos tipos de situações e de reacções a estes problemas, por parte de um conjunto diverso de instituições no campo das artes performativas (marcadas por uma forte diversidade, em termos do seu perfil e das suas opções ao nível estético, cultural e da sua orientação em relação aos seus mercados, mas igualmente por uma multiplicidade de outras características: por exemplo, padrão de localização, questões geracionais, papel da liderança individual, estrutura organizacional, origens dos financiamentos, etc.).

A análise empírica efectuada baseia-se no acompanhamento efectuado a todas as companhias de teatro da região de Lisboa e Vale do Tejo subsidiadas através dos concursos para apoios anuais/plurianuais do Ministério da Cultura. Com base em

entrevistas e no acompanhamento directo da actividade destas estruturas, é efectuada uma análise preliminar das suas opções organizacionais e de mercado, e são identificados os principais problemas e desafios com que se defrontam. É proposta uma tipologia multi-nível para a análise das estruturas teatrais, tendo em conta os diversos aspectos identificados como determinantes para as diferenças observadas. São ainda apresentadas algumas notas conclusivas no que concerne a recomendações em termos de políticas públicas.

*Palavras-chave:*

Artes Performativas; Teatro; Instituições; Estrutura organizacional; Apoios públicos; Lisboa

## **VENDENDO VIRTUDE? CONTRIBUTO PARA A REFLEXÃO SOBRE A GESTÃO DEMOCRÁTICA DAS ORGANIZAÇÕES SEM FINS LUCRATIVOS**

**Raquel Rego (SOCIUS-ISEG)**

Partindo do princípio de que *questionar a organização é uma forma de lidar com as suas dificuldades de acção colectiva*, propomos um olhar sobre o interior das organizações não lucrativas, onde encontramos organizações culturais e sociais entre outras.

A partir dos resultados de um inquérito postal sobre a profissionalização associativa aplicado em 2004 a vários tipos de associações de âmbito nacional (associações de acção social, mulheres, jovens, imigrantes, desenvolvimento, defesa do ambiente, de consumidores, etc.), analisamos os efeitos da procura de uma acção mais eficaz no funcionamento democrático destas organizações.

Deste modo, reflectimos sobre dois fenómenos que contribuem para o *fechamento* das associações, a saber, o *duplo estatuto* dos dirigentes profissionalizados e a centralização do poder patente na *síndrome do fundador*.

A nossa intervenção termina com a enunciação de meios disponíveis para alcançar uma gestão mais democrática, que contribua simultaneamente para a promoção da inovação.

## **CULTURA COMO ORGANIZAÇÃO: PERSPECTIVAS ANTROPOLÓGICAS**

**Susana Durão, Sónia Almeida, Sónia Ferreira, Teresa Fradique (CRIA/ ISCTE, UC, UM, UNL)**

Falar do futuro próximo, no que diz respeito à **gestão das organizações sociais e culturais**, tal como nos propõe o 3º Workshop de Investigação da Fundação Calouste Gulbenkian, será uma oportunidade para reflectirmos sobre o legado crítico em torno dos conceitos fundadores da disciplina, traduzindo-o em matéria útil para os parceiros de discussão, nomeadamente para os gestores do cultural e do social na contemporaneidade. A partir de contribuições que podem ajudar a sinalizar os perigos da abstracção, patrimonialização e essencialização da cultura, propomos uma operação de resgate feita a partir da prática etnográfica – enquanto método de

pesquisa com capacidade para se adaptar à fluidez e ambivalência da vida contemporânea, cotidiana, e das suas formas de organização – apresentando exemplos concretos da sua aplicação ao universo de organizações que pretendem agir nos mundos sociais.

Algumas questões emergem: será útil continuar a perspectivar as “organizações como cultura” (Wright, 1994), sendo a “cultura” cada vez mais usada como conceito pelas organizações com o objectivo de actuar e de transformar activamente os mundos “sociais”? Ou será que podemos partir para o questionamento da organização (administração e gestão) de fenómenos, movimentos, organizações locais e transnacionais que se afirmam como culturais e sociais; isto é, a “cultura como organização”? Torna-se necessário usar as ferramentas etnográficas para entender ideias de “projecto” e de fixação de formas de “movimento” naquilo que se pretende que seja a cultura, o social, o poder e a gestão desses mesmos projectos.

Sobressaem alguns exemplos bons para pensar: o modo como a cultura é reclamada como “arma” por OGNs em cidades como o Rio de Janeiro ou São Paulo onde o tema político da violência urbana se alia à desigualdade social e cultural. A forma como em Portugal agentes culturais das periferias urbanas começam a penetrar nos espaços do museu, das galerias e outros onde até aqui a sua presença estava subrepresentada.

Esperamos que vários exemplos, resultantes de explorações etnográficas de colegas do CRIA, ajudem a dar forma e a densificar esta discussão.

-----

## **CONVIDADOS INTERNACIONAIS**

### **Ana Carla Fonseca (Brasil)**

#### **ORGANIZAÇÕES SOCIAIS DA CULTURA EM SÃO PAULO – ÊXITOS E ALERTAS**

Exigências burocráticas descabidas, processos e prazos de extensão desmedida, transparência que muito deixa a desejar. Chagas que assolam a gestão pública no Brasil, emperrando o bom desempenho das políticas públicas, dificultando parcerias com instituições privadas e causando enorme desalento ao cidadão e contribuinte.

A gestão da cultura, parte integrante desse quadro, padecia dos mesmos males. Diante da insustentabilidade desse modelo, e em meio ao mar de inoperância no qual navegava, a administração pública da cultura burilou o modelo de gestão das organizações sociais.

O texto aqui proposto trará uma análise de seus traços distintivos, modo de funcionamento, vantagens e percalços enfrentados, tendo como base o corpo de organizações sociais da cultura em vigor no Estado de São Paulo.

**Ana Carla Fonseca Reis** é especialista em Economia da Cultura. Formada em Administração Pública e Economia, começou a trabalhar em agências de comunicação e depois em projectos de marketing e comunicação para multinacionais. Fundou e dirige a [Garimpo de Soluções](#), empresa de consultoria com uma actuação transdisciplinar na área de economia, cultura & desenvolvimento. É autora dos livros "Marketing Cultural e Financiamento da Cultura" (Thomson, 2002) e "Economia da Cultura e Desenvolvimento Sustentável" (Manole, 2006), entre outros. É Consultora Especial da ONU em Economia Criativa, membro do painel curador da conferência Creative Clusters do Reino Unido e conferencista internacional em marketing cultural, economia da cultura, economia criativa e cultura & desenvolvimento. Actualmente está a fazer doutoramento em Arquitectura e Urbanismo, com uma tese sobre cidades criativas.

## **Barthelemy Togo**

### **BANDJOUN STATION (APRESENTAÇÃO DE CASO DE ESTUDO)\***

Consciente do duplo dilema que constitui, por um lado, a incapacidade para proteger o património artístico clássico e contemporâneo de África e, por outro lado, desejo por prosseguir um projecto cultural ambicioso, decidi usar a maior parte do dinheiro ganho com o meu trabalho como artista visual para fundar a Bandjoun Station, um projecto sem fins lucrativos de inspiração totalmente pessoal, em termos de conceito, construção, produção e implementação.

A Bandjoun Station está situada nas planícies elevadas dos Camarões Ocidental, a 3 km da cidade de Bafoussam, e a 300km de Douala e Yaoundé. Bandjoun Station é antes de tudo e primordialmente uma oficina criativa aonde desejei reunir os meus pares... O alojamento na Bandjoun Station será possível para alguns dos artistas que irão criar/produzir nas instalações e participar na criação *in situ* de trabalhos excepcionais e na criação de peças monumentais que necessitem de bastante espaço para a sua concretização.

### ***apresentação feita em inglês***

**Barthélémy Togo**, artista visual nascido nos Camarões, em 1967. Estudou na École Nationale Supérieure des Beaux-Arts de Abidjan, Costa do Marfim, na École Supérieure d'Art de Grenoble, França, e na Kunstakademie Düsseldorf, Alemanha. Vive e trabalha entre Bandjoun (Camarões), Nova Iorque e Paris.

## **Cesar Piva (Brasil)**

### **A FÁBRICA DO FUTURO (APRESENTAÇÃO DE CASO DE ESTUDO)**

A FÁBRICA DO FUTURO – Residência Criativa do Audiovisual é uma incubadora cultural do audiovisual e novas tecnologias, inaugurada em Julho de 2005, em São Paulo. A Fábrica faz parte de um amplo programa de Cultura e Desenvolvimento local, que a partir de 2003, reúne na cidade uma rede de cooperação horizontal com as principais lideranças sociais, culturais e empresariais da região. Esse programa tem como foco estrutural à economia criativa do sector audiovisual, as novas tecnologias e a juventude, um plano de gestão cultural local na perspectiva da promoção de políticas públicas e da economia criativa da cultura.

**Cesar Piva** (Brasil) trabalha no sector cultural e social desde 1987. Como gestor cultural, especializou-se no desenvolvimento de programas de investimento em cultura, leis de incentivo e responsabilidade social de empresas. É responsável pelo projecto “Fábrica do Futuro – Residência Criativa do Audiovisual”, uma incubadora cultural do audiovisual e novas tecnologias, criada em 2005, que faz parte de um amplo programa de Cultura e Desenvolvimento local.

## **Fátima Anllo (Espanha)**

### **GESTIÓN VIRTUOSA PARA UN FUTURO BORROSO\***

Se nos propone centrar la atención en el Próximo Futuro de la gestión cultural y para tal tarea nada se me antoja más pertinente que hurgar en las artes del pasado. Del estudio de las tragedias griegas extrae Nussbaum (Marta Nussbaum, “La fragilidade del bien) la mejor y más productiva idea para vivir el presente sin perder de vista el tiempo por venir: *La virtud, radica en ese frágil equilibrio entre hacer y ser hecho*. Mitad necesidad, mitad deseo, ninguna imagen parece más certera para describir el próximo futuro de la gestión, que aquella que la sitúa en los límites borrosos de los flujos y mareas que caracterizan el presente. Después de una Modernidad que forja y una Posmodernidad que se abandona, sólo la recuperación de la tensión entre amabas parece tener sentido.

Esa es la imagen de la gestión de la cultura y las artes que anticipo, una gestión capaz de situarse en los bordes borrosos que caracterizan y necesita la realidad presente. Una gestión cultural que se aproxime a las experiencias artísticas como un continuo entre hacer y producir, entre participar y recibir; que acepte el valor de la cultura y las artes en toda su integridad, riqueza y complejidad, abandonando viejas dicotomías y jerarquías entre la pureza de los beneficios intrínsecos de la gestión cultural y los beneficios extrínsecos espurios de la gestión social; una gestión que incorpore la

# Próximo Futuro / Next Future



creatividad como un rasgo característico de la capacidad humana que desborda la creación artística; una gestión capaz de integrar la actividad artística como un elemento que forme parte de la vida cotidiana, impulsando la vitalidad cultural de comunidades e individuos; en definitiva, una gestión que haga de la cultura y las artes herramientas para el buen vivir, catalizadores de un desarrollo humano virtuoso donde individuos y comunidades se hacen y son hechas.

**\* *apresentação feita em espanhol***

**Fátima Anllo Vento** (Espanha), especialista em Gestão Cultural. É investigadora e consultora independente no âmbito da Gestão Cultural e professora de Políticas Culturais na Universidad Complutense de Madrid. Trabalhou em diversas instituições culturais de Nova Iorque e, em 1999, assumiu a direcção da empresa espanhola e norte-americana que produz e distribui o Canal História em Espanha e Portugal.